



À toda, num caminhão em chamas

CURTIS CATE

*Durante 30 minutos terríveis,
resolvido a salvar
centenas de vidas em perigo,
ele dirigiu uma bomba
em potencial através dos
tranquilos campos*

QUANDO Hans Hugger entrou cautelosamente com seu caminhão-tanque na cidadezinha alemã de Teningen, naquela tarde de setembro de 1968, não via motivos para se preocupar. Para ele, era apenas mais um serviço de rotina. O robusto rapaz, de 28 anos, estava tão acostumado com seu caminhão (um possante Mercedes Benz que rebocava um tanque de 11 metros) que dirigi-lo já era uma coisa automática para ele. Sua carga consistia de 23 mil litros de acetona – líquido altamente inflamável, mais traiçoeiro do que a gasolina.

Quando chegou ao seu destino (a fábrica de alumínio Tscheulin), ele ligou uma mangueira a quatro tanques subterrâneos de depósito. Uma hora depois, cinco dos seis tanques do caminhão estavam vazios, e começava o bombeamento do sexto. Eram 6:15 da tarde.

De repente, sem qualquer aviso, por cima do dorso de alumínio re-

luzente do reboque, o ar começou a agitar-se freneticamente e a tornar-se azul. Depois, a única coisa de que Hugger se lembra é de correr na direção de uma labareda de metro e meio que se projetava do tubo de descarga do reboque.

O turno de dia já ia sair da fábrica. Temendo que, se o fogo descesse pela mangueira até os tanques de armazenagem da fábrica, a explosão resultante levasse tudo pelos ares, Hugger mergulhou seu braço nas chamas, fechou rapidamente a válvula de segurança e desenganchou a mangueira. Na pressa do momento, nem reparou nas suas queimaduras.

Ao cair a extremidade da mangueira no chão, a acetona que escapava irrompeu num gigantesco lençol de chamas. Num ímpeto assustador, o fogo subiu pela escada traseira do reboque, incendiando os vapores que escapavam pelo orifício do tanque n.º 6. Em segundos, toda a parte traseira do reboque estava em chamas. Hugger, porém, não viu isso. Ele já estava pronto a retirar depressa o reboque em chamas dali. Entrou rapidamente, correndo para a cabina, ligou o motor, soltou os freios e engrenou a primeira violentamente. «Mandem os carros de bombeiros me seguirem!» berrou, e partiu a toda a velocidade.

Apertando a buzina, atravessou a ponte por onde passara havia hora e meia. Isso lhe deu uma sensação de alívio, pois sabia que a

cidade, de cinco mil habitantes, era um pouco menos populosa além da ponte. Em seguida, porém, olhou pelo espelho retrovisor, e o alívio se transformou em pavor. As chamas que se elevavam atrás dele tinham agora três metros de altura!

A medida que o carro desenvolvia velocidade, Hugger notou que as chamas começavam a tremular e que se achatavam. «Percebi», diz ele, «que a velocidade era minha melhor aliada. Se eu conseguisse, ao menos, manter as chamas afuniladas para trás até que os bombeiros me alcançassem, talvez pudesse evitar uma explosão.» A região ainda era muito povoada para permitir que ele abandonasse o caminhão; não havia nada a fazer senão continuar.

No entanto, o simples fato de continuar também era arriscado. Bem em frente, agora, havia uma passagem de nível, e um trem de passageiros corria velozmente. Quando a barulhenta bola de fogo de Hugger atravessou ruidosamente os trilhos, escapou por um fio do último vagão do trem.

Os olhos de Hugger já estavam pregados num cruzamento em T, a uns 60 metros à frente. Bloqueando seu caminho, havia uma importante auto-estrada na direção norte-sul com o intenso tráfego da tardinha. Ele freou e meteu a mão na buzina, mas, embora continuasse a buzinar o mais alto possível, o tráfego não abria passagem. De um lado, havia uma vala; do

outro, uma estalagem de beira de estrada. Se ele tentasse dar marcha à ré, as chamas seriam varridas para a frente sobre a cabina. Todas as saídas pareciam irremediavelmente bloqueadas.

Dentro da estalagem, os 15 fregueses sentiram o intenso calor do caminhão em chamas através das janelas fechadas. Durante minuto e meio, paralisados pelo terror, eles viram o caminhão parado ali, incapaz de prosseguir, com a acetona que vasava formando uma poça de fogo que começava a avançar por baixo do reboque.

Na cabina, Hugger continuava a martelar a buzina e a ver pelo espelho retrovisor se os carros de bombeiros se aproximavam. Não vinha nenhum — apenas uma horrenda e crescente muralha de fogo.

Finalmente, houve uma brecha no trânsito, e ele se lançou sobre a pista que ia em direção norte, que parecia conduzir a uma região menos povoada que a do Sul. Daí a pouco, ele conseguiu levar a agulha do velocímetro para 60 quilômetros por hora e baixar as chamas, mas, à sua volta, o trânsito estava aumentando.

Dentre as dúvidas sobre aonde a desconhecida auto-estrada o levaria, havia apenas uma coisa da qual ele tinha certeza: sua determinação em causar o menor dano possível às pessoas e às suas propriedades.

À medida que se dirigia para o Norte, ultrapassando todos os limites de velocidade, rezava para não ser bloqueado pelo caminho.

Valas profundas limitavam os dois lados da estrada; não se via nenhum desvio para campo aberto.

A essa altura, um motorista que vira o caminhão de Hugger em chamas, voltou para trás e correu a avisar o corpo de bombeiros. Hans Zuckschwerdt, chefe do corpo de bombeiros de Emmendingen, entrou em ação, e na hora em que sua camioneta Volkswagen arrancou, piscando a luz azul do teto, dois outros postos de bombeiros tinham sido avisados e quatro caminhões se juntaram ao de Teningen na corrida.

Havia começado a chover, e Hugger tinha esperanças de que isso ajudasse a abafar o fogo, mas notou que a estrada estava ficando escorregadia. Por fim, viu a indicação da auto-estrada de Basileia a Karlsruhe. *Eis a minha chance*, pensou. Nessa auto-estrada haveria mais espaço e menos gente. No entanto, antes mesmo de se dar conta, já tinha passado pelos dois desvios e teve de continuar, pois se freasse violentamente, derraparia.

Havia vários tratores avançando pela estrada, mas, quando seus motoristas viram o caminhão que se aproximava, saltaram dos veículos e fugiram para o campo. Em seguida, Hugger penetrou num desvio, com barreiras que o limitavam de ambos os lados. Depois disso, continuou prisioneiro da estrada — à sua direita, encontrava-se um declive profundo; à esquerda, havia uma cerca de metal.

O pior ainda estava por vir. Agora, ele via bem à sua frente a aldeia de Bahlingen com suas pitorescas casas, entre as quais passava a rua principal. «Aquela rua foi um pesadelo», relembra Hugger, que normalmente teria atravessado lentamente a cidade, mas que, naquele momento, atravessava em disparada, buzinando. «Estreita, com algumas curvas perigosas. Se eu fosse mais devagar, as chamas atrás de mim lamberiam as fachadas das casas.»

De repente, uma tabuleta azul indicando auto-estrada surgiu à sua frente, no momento em que ele passava a toda a velocidade pelos aldeões assustados. Ainda havia esperança – se, ao menos, ele pudesse sair inteiro da armadilha mortal que era aquela cidade! Mais duas curvas fechadas, algumas casas esparsas e, finalmente, ele estava fora da povoação. À frente, havia um longo trecho de estrada – orlado por árvores e valas, mas, felizmente, reto.

Agora, Hugger se encontrava sobre um viaduto e podia ver a auto-estrada que passava por baixo. Diminuiu a marcha e virou, para entrar no trevo que ia dar à auto-estrada. Ele ia para Karlsruhe, na direção norte. Felizmente, o trânsito era pouco, mas, mesmo assim, os carros começavam a agrupar-se atrás dele, como se fossem hipnotizados pela cauda de fogo de um cometa. Não ousava encostar e parar, pois o reboque poderia explodir exatamente no momento em

que os carros que vinham atrás estivessem passando.

Naquele momento, Hugger já percorrera 20 quilômetros e estava no volante havia quase meia hora. Tinha cãibras na mão direita por agarrar o volante; os dedos da mão esquerda ficaram dormentes de tanto apertar a buzina. Sua camisa estava ensopada de suor. No momento em que Hugger começou a perder a esperança, pequenos lampejos de luz azulada começaram a faiscar no seu espelho retrovisor. Finalmente! Era a camioneta de Zuckschwerdt, correndo pela auto-estrada a 130 quilômetros por hora. Quando o chefe dos bombeiros de Emmendingen se emparelhou com ele, fez sinais para Hugger diminuir a marcha, a fim de que os carros de bombeiros, que ele sabia estarem-no seguindo, pudessem alcançá-lo. Os dois carros da frente subiram pela pista da esquerda, de modo a evitarem o rasto chamejante de Hugger. Quando o primeiro o alcançou, passou para a pista da direita, adiante dele. Suas luzes vermelhas de trás se acenderam, e Hugger freou o caminhão. Quando este parou abruptamente, as labaredas começaram a crescer de novo e Hugger saltou, gritando: «Acetona!» e começou a correr. Aquele era o primeiro aviso que os bombeiros tinham a respeito do tipo de incêndio que teriam de combater.

Eles, porém, sabiam o que fazer. Com pó extintor, atacaram as

duas fontes das chamas, o orifício do tanque n.º 6 e o tubo de descarga. Em segundos, o incêndio estava apagado. Levaram 20 minutos com uma mangueira, e foram precisos milhares de litros de água para esfriar o tanque em brasa, a fim de que pudesse mais tarde ser esvaziado. De repente, exausto por toda aquela provação, Hugger desmaiou e foi levado às pressas para um hospital.

Enquanto se recuperava, foi assediado por visitantes agradecidos que sabiam que sua abnegação havia afastado uma série de prováveis acidentes. Seu heroísmo foi citado pela Associação Alemã de

Motoristas de Caminhões, e a imprensa o agraciou com o cobiçado título de *Kavalier der Strasse* (Cavaleiro da Estrada). Uma semana depois, apresentou-se ao trabalho.

«Que acha de dirigir seu velho amigo novamente?» perguntou-lhe o patrão apontando para o caminhão-tanque totalmente consertado. Hugger hesitou por um momento; em seguida, adiantou-se e, com um sorriso, instalou-se na cabina do caminhão. Um homem que triunfara sobre seu próprio medo e passara meia hora em companhia da morte não ia deixar-se amedrontar por outro carregamento de acetona.



SE VOCÊ quiser receber mais cartões de Natal, mande uma porção deles para pessoas que não conhece. Esta é a opinião de Phillip R. Kunz, professor de sociologia da Universidade Brigham Young que, recentemente, durante umas férias, enviou 600 cartões a famílias que selecionou em diversas cidades. Recebeu 117 cartões endereçados à família Kunz, falando do lar, dos filhos e de animais de estimação. Dois desses «velhos amigos» perguntavam, inclusive, sobre a possibilidade de se alojarem em casa dos Kunz em futuros períodos de férias. — UPI

PROVAVELMENTE pela primeira vez, um jogo de futebol foi retardado por gargalhadas. Em Atenas, uma multidão de cinco mil torcedores estava aguardando o início de um jogo de futebol entre as seleções da Grécia e da China, em 1975. Nisto, o público se levantou e ficou em atitude de respeito, ao ouvir aquilo que se supunha ser o hino nacional chinês transmitido pelos alto-falantes do estádio. Os jogadores chineses, que já se encontravam em campo, vendo os gregos de pé, também assumiram uma posição solene, pensando que era o hino grego que estava sendo tocado.

Então, uma jovial voz feminina soou por cima daquela estranha música... para enaltecer as qualidades de um dentifrício de fabricação nacional.